

Marchet, outubro
61

M 496

Radio 25.11.61

R 10

RUBEM BRAGA

Ventos

10.1.57

ÁGUA do mar franzida. Venta noroeste. De-já- hoje, de madrugada, pelas duas, uma cigarra cantou, de tão quente. Por que não ir à praia às sete, às seis? Sim, a parte social é fraca, tal como adverte Fernandes. As moças bonitas estão dormindo unânimes, embora talvez se movam levemente aborrecidas em seus leitos, devido ao calor. As senhoras estão repousando. Depois do almoço, quando eu telefono para certa senhora, a empregada costuma me dizer que ela está descansando. Ah, talvez esteja cansada de ser bela — penso eu.

O vento pára; volta em lufadas quentes; mas a água do mar, eu sei, está fria. Ontem, na base desse noroeste, eu organizei uma tempestade. Consegui a pressão suficiente, remoinhos de areia e fôlhas secas na Visconde de Pirajá, alguns insetos desorientados, todos os sinais. Lembrei-me do louco no Hospício dizendo ao outro, ao ver passar um casal de bassés: «vai chover: os cachorros hoje estão voando muito baixo».

Pelas quinze horas consegui algumas trovoadas nas cercanias do Corcovado, mas tive de suspender a execução de meu projeto, pois não conseguira acumular um número suficiente de material-nuvens ao redor da Gávea e Dois Irmãos. Assim descarnei todo o dispositivo, e senti que soprava um vento de leste, que refrescou ligeiramente, mas antes da tarde morreu. De qualquer modo não desejo deflagrar um temporal no Distrito; não amo ações locais; desejo a cooperação do Sul, mas as autoridades argentinas me informam que não dispõem absolutamente de qualquer massa fria deslocável; paciência; suaremos em comum, os dois povos irmãos, e os uruguaios sem dúvida nos acompanharão; que remédio!

Antigamente, antes de construírem o edificio Aldinha, meus horizontes eram mais amplos; e mais de uma vez, postado em silêncio na minha varanda, organizei mássas de temporal em pleno mar, ao largo das ilhas Tijucas, e de relógio em punho acompanhei seu avanço em direção a Ipanema, expondo o peito nu ao ronco dos trovões e ao fuzilar dos relâmpagos. A construção civil cassou meus poderes, e se prepara para derrubar a machado os dois pinheiros do terreno da esquina de Montenegro, através dos quais posso enfiar, como dizem os homens da artilharia, meu último trecho de praia. Ficam-me as Cagarras (provavelmente perderei a Comprida, a das Palmas e quase toda a Redonda no decorrer deste ano); ainda assim, entre a laje das Cagarras e a Rasa, poderei ver o Cruzeiro nascer.

Já é alguma coisa, para um pobre. Pobre, sim, porém brasileiro, cidadão brasileiro, como dizem os bêbados quando querem brigar com o dono estrangeiro do botequim. De resto, o patriotismo dos bêbados é internacional; um deles em Montparnasse, desejando me provocar, me afirmou, de dedo em riste e ar de desafio, que era citoyen français. Eu, porém, cumprimentei-o pelo auspicioso fato, e não brigui. Quem está chegando por aí é o Michel Simon, que vem pelo «Lavoisier» e depois segue para o Recife estudar o «Bumba meu boi». Eu não estudo nada, apenas acompanho atento a pulsação das marés. No fundo, na verdade, pulso muito; mas hoje não vou telefonar. Com vento Noroeste nosso dever é falar sôzinhos, e jamais telefonar. Batem portas e janelas, mas eu deixo. Que se arreentem; estou triste.